

O papel fundamental da Princesa Elisabeth na redação da Recherche de la Vérité de René Descartes¹

The fundamental role of Princess Elisabeth in the writing of Recherche de la Vérité by René Descartes

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar a relação de Descartes com a princesa Elisabeth, enquanto elemento fundamental para a datação da Recherche de la Vérité. Único diálogo escrito por Descartes, a obra inacabada é alvo de diversas polêmicas. O desacordo entre os comentadores no que diz respeito não somente à datação do texto, mas à filosofia nele apresentada, é evidente. Tentando trazer nova luz a esse debate, busca-se, através de um elemento ímpar, a relação de Descartes com a princesa, encontrar indícios favoráveis a uma datação tardia, contrariamente à tendência atual de defender o texto como uma obra de juventude.

Palavras-chave: Descartes; Princesa Elisabeth; Recherche de la Vérité; Datação.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

* Professora do curso de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: mairaborba@hotmail.com

Recebido em: 20/04/2018. Aceito em: 02/10/2018.

Abstract

The purpose of this article is to analyze Descartes' relationship with Princess Elisabeth as a fundamental element for the dating of The Search for Truth. The only dialogue written by Descartes, the unfinished work is the subject of several controversies. The disagreement between commentators with regard not only to the date, but also to the philosophy presented in the text, is evident. Trying to bring new light in to this debate, we seeks, through a unique element, Descartes' relationship with the princess, to find favorable indications to a late date, contrary to the current tendency to defend the text as a work of young age.

Keywords: Descartes; Princess Elisabeth; *The Search for Truth*; Dating.

Introdução

A *Recherche de la Vérité par la Lumière Naturelle* é uma das obras menos visitadas de Descartes (1596-1650)². Escrita em forma de diálogo, o texto apresenta uma conversa entre três personagens, Eudoxo, Poliandro e Epistemon, contemplando temas presentes na filosofia cartesiana em geral. Deste modo, o inacabado projeto aborda elementos presentes tanto nas *Regras para a orientação do espírito* e no *Discurso do Método* (1637), quanto nas *Meditações* (1641) e nos *Princípios de Filosofia* (1644)³.

Encontrada nos pertences de Descartes após a sua morte, a obra está imersa em polêmicas no que diz respeito a sua desconhecida datação, cujas hipóteses são as mais diversas possíveis. A *Recherche* poder ser vista tanto como sendo um dos primeiros escritos de Descartes quanto como a sua última obra, havendo ainda a hipótese de que tenha sido escrita em dois momentos distintos⁴.

O objetivo do presente artigo é construir um argumento significativo para a datação da *Recherche* a partir da relação de Descartes com a princesa Elisabeth. Busca-se então, além de compreender a natureza e o contexto em que se dá a relação entre o filósofo e a princesa, observar textualmente semelhanças entre a correspondência dos dois e o texto da *Recherche*.

Descartes e Elisabeth

A ideia de que a relação entre Descartes e Elisabeth possa ter influenciado a redação da *Recherche* não é propriamente uma novidade. Autores como Henri

2 A pouca atenção dada a essa obra representa uma lacuna no que se refere aos estudos relativos a Descartes e, no caso do Brasil, essa lacuna é ainda mais evidente, pois, não há nenhum livro completamente dedicado à *Recherche* em português e nem mesmo uma tradução dessa obra para a nossa língua.

3 As obras de Descartes serão referenciadas, como usual, a partir da edição de Charles Adam e Paul Tannery (Descartes, R., *Œuvres de Descartes*. Adam, C.; Tannery, P. (eds.) Paris: Léopoldo Cerf, 1897-1913. 12 v. Reimpr. Paris: J. Vrin, 1996. 11 v.), designadas pela abreviação AT, seguida do volume em algarismos romanos e da página em algarismos arábicos.

4 Hipótese levantada por Edouard Mehl in Mehl, Edouard. "La question du premier principe dans la *Recherche de la vérité*". *Nouvelles de la République des Lettres*, n. 1, p. 77-97, 1999 ; Id., "Descartes et le cogito des cartésiens". *La lettre clandestine*, n° 10 p. 43-57. 2001.

Gouhier⁵ e Ernst Cassirer⁶, por exemplo, destacam a importância do papel da princesa na produção do filósofo. Contudo, limitam-se a relacionar essa influência, algo superficial, a um elemento bastante específico do texto: a intenção cartesiana, exposta no plano da *Recherche*, de abordar ali questões morais.

A obra teria sido redigida em um momento tardio da vida do filósofo, necessariamente posterior às *Meditações*, considerando que o interesse pela moral é suscitado no filósofo em decorrência, principalmente, de sua correspondência com a princesa. Tal suposição é bastante plausível, ainda mais se considerarmos que o próprio filósofo afirma, em uma carta a Elisabeth, data- da de maio 1646, nunca ter se dedicado anteriormente aos temas presentes nas *Paixões*⁷. O assunto também é tratado em uma carta a Chanut, de 20 de novembro de 1647, na qual Descartes destaca os motivos pelos quais não se teria arriscado a escrever sobre moral:

Il est vrai que j'ai coutume de refuser d'écrire mes pensées touchant la morale, et cela pour deux raisons : l'une, qu'il n'y a point de matière d'où les malins puissent plus aisément tirer de prétextes pour calomnier ; l'autre, que je crois qu'il n'appartient qu'aux souverains ou à ceux qui sont autorisés par eux de se mêler de régler les mœurs des autres^{8, 9}

Tal passagem corrobora a ideia de que a decisão de escrever sobre moral seja de fato algo tardio na obra do filósofo. Todavia, a relação entre ele e a princesa pode ser muito reveladora, trazendo elementos significativos para a datação da *Recherche* que vão além da constituição do pensamento moral cartesiano. Portanto, será feita aqui uma análise da correspondência entre os dois personagens, destacando-se pontos de especial relevância quando se trata de uma suposta influência da princesa na redação do diálogo.

5 Gouhier, Henri. *La pensée religieuse de Descartes*. Paris: J. Vrin, 1924 ; Id., "Sur la date de 'La Recherche de la Vérité' de Descartes". *Revue d'Histoire de la Philosophie*, p. 296-330, 1929.

6 Cassirer, E. *Descartes, Lehre – Persönlichkeit – Wirkung*. Stockholm, Bermann-Fischer, 1939. Tradução de PH. Guilbert. Paris: Éditions du Cerf, 2008.

7 AT, IV, 407-412.

8 Por se tratar de um estudo comparativo, em que muitas vezes é imprescindível observar os termos originalmente utilizados, as citações serão feitas no original.

9 AT, V, 86-87.

Primeiramente, é preciso lembrar que a correspondência entre eles tem início em 1643. Logo, para considerarmos tal relação como um fator viável de influência sobre a *Recherche*, o texto deveria ter sido redigido, necessariamente, após essa data. E adotar a hipótese de datação tardia da obra, seria considerá-la um texto de maturidade e não um escrito de juventude¹⁰.

A troca de cartas entre Descartes e Elisabeth começa a partir da iniciativa da princesa¹¹ que, em maio de 1643¹², escreve pela primeira vez ao filósofo. A carta versa sobre questões ligadas à relação entre corpo e alma. Inicialmente, entre maio e julho de 1643, as questões contemplam sobretudo esse tema. Há também breves comentários sobre a Querela de Utrecht¹³, que ganhará força nesse período¹⁴.

Até meados de 1645, a correspondência entre os dois é intermitente e parte das cartas trocadas foi perdida, impossibilitando que tenhamos do conjunto delas real conhecimento¹⁵; há algumas discussões sobre temas matemáticos e uma breve menção a Voet por parte de Elisabeth, em agosto de 1644¹⁶. Entre maio e julho, as cartas têm como assunto principal a saúde da princesa. Há também, no fim da carta de junho de 1645 de Descartes a Elisabeth, um

10 Tal hipótese vem na contramão dos estudos mais recentes como os de Ettore Lojacono (in Descartes, René; Lojacono, E. et al. *La recherche de la vérité par la lumière naturelle de René Descartes*. Milão: Franco Angeli, 2002.), e Carraud e Olivo (Carraud, V.; Olivo, G. *Études du bon sens, La recherche de la vérité et autres écrits de jeunesse*. Paris: PUF, 2013.), que defendem datas mais precoces do texto (1634 e 1628/1631, respectivamente).

11 Descartes já havia, em uma carta a Pollot de 6 de outubro de 1643 (da qual Elisabeth teria tomado conhecimento), demonstrado interesse em conhecer a princesa (AT, III, 577).

12 A grafia antiga da carta sugere a data exata como sendo 6 de maio de 1643; entretanto, tendo em vista que a resposta de Descartes data de 21 de maio, a edição Adam et Tannery supõe que a data real seja 16 de maio, pois o filósofo não demoraria quinze dias para responder à primeira carta de uma pessoa da importância da Princesa Elisabeth.

13 A Querela de Utrecht foi um embate estrondoso que se deu entre Descartes e críticos holandeses de sua obra, principalmente Gisbert Voet (1589-1776) e Martin Schook (1614-1669), iniciada em 1642. Para um panorama completo sobre o tema ver Verbeek, T. *Early Reactions to Cartesian Philosophy – 1637-1650*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois U. Press, 1992.

14 No fim da carta de 28 de junho de 1643 a Elisabeth (AT, III, 695), Descartes menciona o decreto de 5 de junho dos magistrados de Utrecht que ele acabara de receber. Em sua resposta, datada de 5 de julho de 1643 (AT, IV, 1-2), a princesa se mostra solidária a Descartes no que diz respeito a essa disputa.

15 Pelo que nos resta da correspondência é possível saber que algumas cartas foram perdidas, visto que há nelas referências a conversas das quais não temos conhecimento.

16 AT, IV, 133.

novo comentário sobre a Querela de Utrecht¹⁷. O fato de a correspondência entre o filósofo e a princesa nesse período conter menções à disputa entre Descartes e os magistrados de Utrecht é bastante significativo e revela outro fator importante: a intensidade com que Descartes foi afetado por essa questão¹⁸.

A amizade entre Descartes e Elisabeth se intensifica e, a partir de agosto de 1645, a correspondência entre os dois será muito mais abundante. A saúde frágil da princesa e os aborrecimentos que faziam com que ela tivesse dificuldade em encontrar a felicidade são assuntos recorrentes nas cartas. Com o intuito de ajudar Elisabeth, Descartes inicia em agosto de 1645 um debate sobre a obra *De Vita Beata* de Sêneca, que dá origem a considerações mais aprofundadas sobre a moral, levando ao desenvolvimento das *Paixões da Alma* (1649)¹⁹, assuntos que dominarão a referida correspondência até 1646. Da discussão sobre o livro de Sêneca surgem alguns comentários que podem ser significativos para a datação da *Recherche*. A carta de Elisabeth a Descartes, de 16 de agosto de 1645, por exemplo, contém uma passagem interessante sobre a maneira como essas conversas estimulam o conhecimento da princesa:

*[...] j'étais obligée de vous écrire, afin que vous ne croyiez pas que je sois de votre opinion par préjugé ou par paresse. Je ne demande point aussi que vous continuiez à corriger Sênèque, parce que votre façon de raisonner est plus extraordinaire, mais parce qu'elle est la plus naturelle que j'aie rencontrée, et semble ne m'apprendre rien de nouveau, sinon que je puis tirer de mon esprit des connaissances que je n'ai pas encore aperçues.*²⁰

A fala da princesa lembra muito a ideia presente na *Recherche* de que o mestre, Eudoxo, teria o papel de ajudar o seu discípulo, Poliandro, a alcançar um conhecimento que seria proveniente apenas da razão natural. Eudoxo não impõe seu próprio conhecimento a Poliandro, ele apenas o ajuda a retirar sozinho de seu próprio espírito o conhecimento das coisas.

17 AT, IV, 238.

18 A Querela de Utrecht é outro elemento, geralmente negligenciado, mas de fundamental importância para a datação da *Recherche*. Contudo o tema não será abordado em detalhes aqui devido ao propósito específico do presente artigo.

19 Embora as *Paixões* sejam publicadas oficialmente apenas em novembro de 1649, em 1646 o filósofo já dispõe de um primeiro esboço desse Tratado (AT, IV, 404-412) que, a princípio, parecia não ser destinado ao grande público, mas que, após insistência de amigos, Descartes o revê e finalmente é publicado.

20 AT, IV, 269.

Lesquelles choses je me suis proposé d'enseigner en cet ouvrage, et de mettre en évidence les véritables richesses de nos âmes, ouvrant à un chacun les moyens de trouver en soi-même, et sans rien emprunter d'autrui, toute la science que lui est nécessaire à la conduite de sa vie, et d'acquérir par après par son étude toutes les plus curieuses connaissances, que la raison des hommes est capable de posséder.²¹

Esse é exatamente o sentimento expresso aqui por Elisabeth que, a partir da maneira de raciocinar de Descartes, sente-se capaz de produzir conhecimentos dos quais ela ainda não tinha se dado conta.

A princesa, assim como Poliandro²², também faz muitos elogios à maneira como o filósofo lhe ensina e a faz conhecer as coisas²³, o que revela ser ela a discípula ideal de Descartes, capaz não somente de alcançar o conhecimento através unicamente da razão natural, mas também de reconhecer o valor da filosofia cartesiana e seu papel na busca pelo conhecimento. Ainda nesse contexto, Elisabeth faz um comentário que parece muito significativo:

J'espère que vous continuerez, de ce que Sénèque a dit, ou de ce qu'il devait dire, à m'enseigner les moyens de fortifier l'entendement, pour juger du meilleur en toutes les actions de la vie, qui me semble être la seule difficulté, puisqu'il est impossible de ne point suivre le bon chemin, quand il est connu.²⁴

Se nos lembrarmos do plano da Recherche, não é difícil notar a semelhança existente entre ele e a passagem mencionada acima.

Ayant ainsi préparé notre entendement pour juger en perfection de la vérité, il faudra aussi que nous apprenions à régler nos volontés, en distinguant les choses bonnes d'avec les mauvaises, et remarquant la vraie différence qu'il y a entre les vertus et les vices.²⁵

21 AT, X, 496.

22 AT, X, 518.

23 AT, IV, 279.

24 AT, IV, 280.

25 AT, X, 505.

A ideia de que é preciso preparar o entendimento para julgar está presente nas duas passagens; ademais, ambas se apresentam num contexto em que se trata da moral²⁶, e são as ações da vida prática que estão em jogo.

Ainda no seio do debate sobre o *De Vita Beata* de Sêneca, na carta à Elisabeth de 18 de agosto de 1645, Descartes faz um comentário que lembra bastante o que é apresentado na *Recherche*.

*Au premier, il reprend ceux qui suivent le coutume et l'exemple plutôt que la raison. Nunquam de vita judicatur, dit-il, semper creditur. Il approuve bien pourtant qu'on prenne conseil de ceux qu'on croit être les plus sages ; mais il veut qu'on use aussi de son propre jugement, pour examiner leurs opinions. En quoi je suis fort de son avis ; car, encore que plusieurs ne soient pas capables de trouver d'eux mêmes le droit chemin, il y en a peu toutefois qui ne le puissent assez reconnaître, lorsqu'il leur est clairement montré par quelque autre [...].*²⁷

Na *Recherche* fica clara a desaprovação de Descartes àqueles que recorrem à autoridade e à filosofia tradicional para garantir a certeza de seu conhecimento²⁸. Contudo, ele se afirma como guia na busca pela verdade, não como alguém que revela e impõe a verdade, mas como aquele que está ali para indicar o caminho²⁹. Nesse sentido, é possível confiar nos ensinamentos de um sábio sem, necessariamente, ceder à autoridade.

É importante notar ainda que a crítica aos defensores da escolástica, traço marcante da *Recherche de la Vérité*, também é um dos pontos recorrentes da correspondência entre eles.

*Je ne m'étonne pas de ce que votre Altesse ne trouve aucun docte au pays où elle est, qui ne soit entièrement préoccupé des opinions de l'École ; car je vois que, dans Paris même et en tout le reste de l'Europe, il y en a si peu d'autres, que, si je l'eusse su auparavant, je n'eusse peut-être jamais rien fait imprimer.*³⁰

26 É importante ressaltar, entretanto, que as *Regras* e o *Discurso* também apresentam ideias semelhantes.

27 AT, IV, 272.

28 AT, X, 495-496; 502.

29 AT, X, 496; 525-526.

30 AT, IV, 590-591.

Elisabeth compartilha da visão de Descartes a respeito dos escolásticos e, assim como ele, faz duras críticas à filosofia tradicional e seus defensores.

J'ai attribué l'obscurité, qui se trouve audit livre³¹, comme en la plupart des anciens, à la façon de s'expliquer, toute différente de la notre, de ce que les mêmes choses, qui sont problematiques parmi nous, pouvaient passer pour hypothèses entre eux ; et le peu de connexion et d'ordre qu'il observe, au dessein de s'acquérir des admirateurs, en surprenant l'imagination, plutôt que des disciples, en informant le jugement [...].³²

Diante dos dados apresentados acima, é muito provável que a conversa com Elisabeth em torno do livro de Sêneca seja uma das inspirações da Recherche.

Mais adiante, em uma carta a Elisabeth, datada de 10 de maio de 1647, é possível confirmar que a publicação dos *Principios* não foi suficiente para solucionar o problema de Descartes com os defensores da filosofia tradicional³³. A Querela de Utrecht, que já havia perturbado enormemente a tranquilidade de Descartes, teria causado, ou incentivado, o surgimento de outras controvérsias envolvendo o filósofo.

[...] pour le repos que j'y étais ci-devant venu chercher, je prévois que dorénavant je ne l'y pourrai avoir si entier que je désirerais, à cause que, n'ayant pas encore tiré toute la satisfaction que je devais avoir des injures que j'ai reçues à Utrecht, je vois qu'elles en attirent d'autres, et qu'il y a une troupe de théologiens, gens d'école, qui semblent avoir fait une ligue ensemble pour tâcher à m'opprimer par calomnies ; [...] depuis huit jours j'ai écrit une longue lettre aux Curateurs de l'Académie de Leyde, pour demander justice contre les calomnies de ceux deux théologiens³⁴. Je ne sais point encore la réponse que j'en aurai ; mais, selon que je connais l'humeur des personnes de ce pays, et combien ils révèrent, non pas la probité et la vertu, mais la

31 *De Vita Beata* de Sêneca

32 AT, IV, 279.

33 Em uma extensa carta ao Padre Dinet, escrita em 1642, Descartes (AT, VII, 574-577) anuncia sua intenção apresentar definitivamente em um só texto toda a sua filosofia, fazendo tudo o que fosse possível para que suas opiniões fossem aceitas por todos. Trata-se do projeto dos *Principios*, que consistiria na apresentação da filosofia cartesiana em um formato mais familiar ao utilizado nas escolas e representaria a tentativa de se reconciliar com os seus opositores.

34 Revius e Triglandius.

barbe, la voix et le sourcil des théologiens, en sorte que ceux qui sont les plus effrontés, et savent crier le plus haut, ont ici le plus de pouvoir (comme ordinairement en tous les États populaires), encore qu'ils aient le moins de raison, je n'en attends que quelques emplâtres, qui, n'ôtant point la cause du mal, ne serviront qu'à le rendre plus long et plus importun ; au lieu que, de mon côté, je pense être obligé de faire mon mieux pour tirer une entière satisfaction de ces injures, et aussi, par même occasion, de celles d'Utrecht ; et en cas que je ne puisse obtenir justice (comme je prévois qu'il sera très malaisé que je l'obtienne), de me retirer tout à fait de ces provinces.³⁵

Descartes demonstra aqui que, ainda em 1647, sua situação era bastante complicada e ele, mesmo sem querer, estaria envolvido numa série de disputas. A filosofia cartesiana é dessa vez atacada pelos teólogos da Universidade de Leiden, notadamente Jacobus Revius (1586-1658) e Jacobus Triglandius (1583-1654)³⁶. Ele se sente injustiçado e não parece acreditar que possa encontrar justiça no que diz respeito às disputas ocorridas na Holanda. Esse parece ser o momento em que a decepção de Descartes com a classe erudita torna-se mais profunda. As disputas envolvendo sua filosofia atingiam todos os âmbitos de sua vida, levando-o ao extremo de pensar em se mudar de país e até mesmo desistir da filosofia.

Pendant que j'écris ceci, je reçois de lettres de La Haye et de Leyde, qui m'apprennent que l'assemblée des Curateurs a été différée, en sorte qu'on ne leur a point encore donné mes lettres ; et je vois qu'on fait d'une brouillerie une grande affaire. On dit que les théologiens en veulent être juges, c'est-à-dire me mettre ici en une inquisition plus sévère que ne fut jamais celle d'Espagne, et me rendre l'adversaire de leur religion. Sur quoi on voudrait que j'employasse le crédit de Monsieur l'Ambassadeur de France, et l'autorité de Monsieur le Prince d'Orange, non pas pour obtenir justice, mais pour intercéder et empêcher que mes ennemis ne passent outre. Je crois pourtant que je ne suivrai point cet avis, je demanderai seulement justice ; et si je ne la puis obtenir, il me semble que le meilleur sera que je me prépare tout doucement à la retraite.³⁷

35 AT, V, 15-17.

36 Para maiores esclarecimentos a esse respeito ver Verbeek, T., op. cit.

37 AT, V, 18-19.

Vale lembrar que é também 1647 o ano em que o filósofo decide publicar versões francesas de suas obras latinas, *Meditações* e *Princípios*, decisão que pode ser muito significativa, pois, ao traduzir as obras latinas para o francês, Descartes abre a sua filosofia para um novo público, o homem comum, a quem também seria direcionada a *Recherche*³⁸.

Em sua resposta, datada de 27 de maio de 1647, a Princesa Elisabeth, que a essa altura já ocupava o lugar de grande amiga de Descartes, é solidária ao filósofo, mas insiste para que ele não abandone a Holanda e que não ceda aos seus inimigos.

*Il y a trois semaines qu'on m'a envoyé le corollaire impertinent du professeur Triglangius, y ajoutant que ceux qui ont disputé pour vous ne furent point vaincus par raison, mais contraints de se taire par le tumulte qui s'excita en l'Académie, et que le professeur Stuard (homme de grande lecture, mais d'un jugement fort médiocre), faisait dessein de réfuter vos Méditations Métaphysiques. Je crois bien que cela vous donnerait la même peine qu'a fait la calomnie de l'écolier de Voetius, mais non pas la résolution de quitter la Hollande, comme vous le témoignez en votre lettre du 10e de ce mois, puisqu'il est indigne de vous de céder la place à vos ennemis, et que cela paraîtrait comme une espèce de bannissement, qui vous apporterait plus de préjudice que tout ce que Messieurs les théologiens peuvent faire contre vous, puisque la calomnie n'est point considérable en un lieu où ceux qui gouvernent ne s'en peuvent exempter eux-mêmes, ni punir ceux qui le font.*³⁹

A postura combativa da princesa também pode ter influenciado Descartes no projeto empreendido na *Recherche*, que converge com esse pensamento. Ademais, o comentário da princesa sobre o professor Stuard, ao qual ela se refere como “homem de grande erudição, mas de um julgamento extremamente medíocre”, é muito semelhante às ideias apresentadas por Descartes na *Recherche*. Tal professor teria, de acordo com Elisabeth, as mesmas características que Epistemon demonstra ao longo do diálogo, um pedante que “[...] sait exactement tout ce qui se peut apprendre dans les écoles [...]”.⁴⁰

38 Embora o *Discurso do Método* também tenha sido escrito em língua vulgar, isso acontece em um contexto completamente diverso. Ademais, não há nessa obra aprofundamento de questões centrais, nem a utilização de argumentos radicais (como o do Deus Enganador), o que sugere que o filósofo, naquele momento, via limitações na capacidade do senso comum em compreender inteiramente sua filosofia.

39 AT, V, 46-47.

40 AT, X, 499.

Em 6 de junho de 1647, Descartes escreve a Elisabeth sobre a impressão da tradução francesa dos *Princípios* e faz um comentário intrigante sobre o suposto fim da disputa com os teólogos de Leiden.

*On a fait taire le Théologiens qui me voulaient nuire, mais en les flattant, et en se gardent de les offenser le plus qu'on a pu, ce qu'on attribue maintenant au temps ; mais j'ai peur que ce temps durera toujours, et qu'on leur laissera prendre tant de pouvoir, qu'ils seront insupportables.*⁴¹

O filósofo afirma nitidamente ter evitado ao máximo ofender os seus opositores e tê-los inclusive elogiado para conseguir de maneira diplomática pôr fim à polêmica que envolvia seu nome. A atitude conciliadora de Descartes pode ser vista em suas cartas pessoais, nas quais ele apresenta a mesma postura também em relação aos jesuítas⁴². Contudo, demonstra aqui certo receio em relação a essa posição que adotou, por imaginar que ela possa encorajar a atitude de seus opositores, dando-lhes, a longo prazo, um poder que os tornaria insuportáveis. Ao que tudo indica, o filósofo estava cansado não só das acusações e disputas, mas também do jogo político que ele se via obrigado a fazer para não se prejudicar mais ainda com esse tipo de situação.

A polêmica envolvendo os teólogos de Leiden aponta para um momento marcante na vida de Descartes e fundamental para a história da redação da *Recherche*. Se após 1645, o filósofo parecia possuir todos os elementos que propiciavam o surgimento de um texto do teor da *Recherche*, por outro lado, as novas acusações contra a sua filosofia podem tê-lo desanimado definitivamente de lutar contra os defensores da filosofia tradicional.

O *Traité de l'Érudition*

Ao considerar a possível influência de Elisabeth na redação da *Recherche*, o momento mais importante da correspondência é a carta escrita pela princesa em 5 de dezembro de 1647 e respondida por Descartes em 31 de janeiro de 1648⁴³. São apresentados a seguir os dois textos, respectivamente.

41 AT, V, 60.

42 AT, III, 249; AT, IV, 65-67; AT, IV, 140-144.

43 Gouhier, H. (op. cit., 1929), em sua interpretação faz recurso a essa conversa sugerindo que a *Recherche* seja o *Traité de l'Érudition*. Entretanto, o comentador faz apenas um breve comentário

Puisque j'ai reçu il a quelques jours la traduction française de vos Méditations Métaphysiques que vous m'avez envoyée, je suis obligé de vous en rendre grâce par ces lignes [...] de vous dire avec quelle satisfaction j'ai lu la traduction susdite, puisqu'elle rend vos pensées d'autant plus miennes que je les vois bien exprimées en une langue dont je me sers ordinairement, encore que je crois les avoir comprises auparavant. Mon admiration s'augmente toutes les fois que je relis les objections qu'on vous a fait, comment il est possible que des personnes, qui ont employé tant d'années à la méditation et à l'étude, ne sauraient comprendre des choses si simples et si claires, que la plupart, en disputant du vrai et du faux semblent ne pas connaître comment il les faut discerner, et que le sieur Gasendus⁴⁴, qui est en la plus grande réputation pour son savoir, a fait, après l'Anglais⁴⁵, les objections moins raisonnables que tous les autres. Cela vous montre combien le monde a besoin du Traité de l'Érudition, que vous avez autrefois voulu faire. Je sais que vous êtes trop charitable pour refuser une chose si utile au public, et que, pour cela, je n'ai pas besoin de vous faire souvenir de la parole que vous en avez donné à votre très affectionnée amie à vous servir, Elisabeth.⁴⁶

Votre Altesse y témoigne vouloir que j'écrive le Traité de l'Érudition, dont j'ai eu autrefois l'honneur de lui parler⁴⁷. Et il n'y a rien que je souhaite avec plus de zèle que d'obéir à vos commandements ; mais je dirai ici les raisons que sont cause que j'avais laissé le dessein de ce Traité, et si elles ne satisfont pas votre Altesse, je ne manquerai pas de le reprendre. La première est que je n'y saurais mettre toutes les vérités qui y devraient être, sans animer trop contre moi les gens de l'École, et que je ne me trouve point en telle condition que je puisse entièrement mépriser leur haine. La seconde est que j'ai déjà touché quelque chose de ce que j'avais envie d'y mettre, dans une Préface qui est au-devant de la traduction française de mes Principes, laquelle je pense que votre Altesse a maintenant reçue. La

sobre esse momento da correspondência entre os dois, sem explorar devidamente todos os elementos que podem ser dele extraídos. Ele não desenvolve a hipótese suficientemente. Não há uma análise da correspondência nem o recurso a argumentos que corroborem essa ideia.

44 Pierre Gassendi.

45 Thomas Hobbes.

46 AT, V, 96-97.

47 Não nos restam registros dessa prévia conversa onde o *Traité de l'Érudition* teria sido mencionado.

troisième est que j'ai maintenant un autre écrit entre les mains, que j'espère pouvoir être plus agréable à votre Altesse : c'est la description des fonctions de l'animal et de l'homme. Car ce que j'en avais brouillé, il y a douze ou treize ans, qui a été vu par votre Altesse, étant venu entre les mains de plusieurs qui l'on mal transcrit, j'ai cru être obligé de le mettre plus au net, c'est-à-dire, de le refaire. [...] Au reste, je considère ce qui me reste de cet hiver, comme le temps le plus tranquille que j'aurai peut-être de ma vie ; ce qui est cause que j'aime mieux l'employer à cette étude, qu'à une autre que ne requiert pas tant d'attention.⁴⁸

O primeiro ponto interessante que se pode notar na fala de Elisabeth é a sua afirmação de que a tradução francesa das *Meditações* torna o texto mais familiar pelo fato de ser escrito na língua comum. Apesar de a princesa ler em latim e ter tomado conhecimento das *Meditações* primeiramente nessa língua, ela admite que ao ler em francês sente-se mais próxima do texto. O testemunho de Elisabeth é, sem dúvida, um incentivo para que Descartes escreva em francês. A devoção do filósofo à princesa é evidente e, tendo isso em vista, uma fala como essa poderia ter influenciado Descartes, que, nos anos seguintes, não mais escreverá em latim. Ademais, é importante notar que a correspondência entre o filósofo e a princesa é empreendida na língua comum, o que também pode ser significativo para a decisão de Descartes de escrever em francês.

Mais adiante, a princesa mencionará o texto das *Objções e Respostas*, mostrando-se, assim como Descartes, indignada diante da má compreensão dos objetores. A ideia de que grandes estudiosos, considerados sábios e reconhecidos pelo seu conhecimento, sejam incapazes de compreender verdades tão evidentes quanto as demonstradas nas *Meditações* deixa Elisabeth estarrecida. A fala da princesa torna-se ainda mais significativa quando relaciona esse fato à necessidade de Descartes escrever um “Tratado da Erudição”.

É evidente que o *Traité de l'Érudition* foi assunto de uma conversa prévia entre os dois. Elisabeth sugere em sua carta que o filósofo teria se comprometido a escrever tal texto e cobra sutilmente a palavra outrora dada. Entretanto, não há na correspondência nenhuma menção anterior a esse assunto, o que leva a duas possibilidades: ou esse assunto foi abordado em cartas que foram perdidas, ou o suposto tratado foi o tema de uma conversa face a face entre os dois amigos. Considerando as cartas desse período das quais dispomos e

48 AT, V, 111-113.

os dados históricos⁴⁹, tudo leva a crer que esse tema tenha sido abordado no encontro entre ambos, ocorrido no período de junho a setembro de 1646⁵⁰.

Contudo, apenas a colocação feita por Elisabeth não é suficiente para sugerir que a Recherche seja o *Traité de l'Érudition*. Em sua resposta, Descartes dará mais elementos que favorecem essa hipótese.

O filósofo afirma ter desistido de escrever o *Traité de l'Érudition*, mas, percebendo que a princesa relutaria em aceitar sua desistência, Descartes se propõe a explicar as razões que o fizeram desistir do livro, esperando que Elisabeth as compreenda e aceite. Assim, logo de início surgem duas evidências: 1) o assunto em questão já havia sido abordado em discussões anteriores entre Descartes e a princesa; 2) Elisabeth tinha especial interesse nesse projeto e parecia ser sua grande incentivadora.

Descartes oferece três razões que ocasionaram a sua desistência do *Traité de l'Érudition*. Há um ponto em comum entre esse projeto e o da Recherche: ambos foram abandonados. No entanto, é preciso verificar se as razões oferecidas por Descartes a Elisabeth são compatíveis com os possíveis motivos de desistência na redação do diálogo.

A primeira razão seria a oposição, de maneira veemente, “aux gens de l'École”, que ele afirma não estar disposto a fazer por não se encontrar em condição de lidar com as consequências. A leitura da Recherche deixa evidente o seu teor combativo em relação à escolástica. O ataque aberto às doutrinas da filosofia tradicional destoa das outras obras de Descartes, e foi visto por alguns comentadores como signo da imaturidade do filósofo⁵¹. Contudo, uma questão se impõe: embora a crítica à filosofia escolástica fizesse parte das ideias cartesianas desde a sua juventude e pudesse figurar em qualquer uma

49 Não há entre 1645 e 1646 nenhuma lacuna evidente na correspondência entre Descartes e Elisabeth. A interrupção que encontramos data do período entre junho e novembro de 1647; porém, pela proximidade ao da carta em questão, não acreditamos que as menções ao *Traité de l'Érudition* possam ali se encontrarem, visto que a princesa dá a entender que se trata de uma conversa menos recente. Ademais, ainda que mais espaçadas, as cartas não apresentam uma descontinuidade em relação aos temas abordados. Tendo em vista ainda que entre junho e setembro de 1647 Descartes faz uma viagem (ver Baillet, A. *La vie de Monsieur Descartes*. Paris: Daniel Horthemels, 1691, 2 v. Reimpr. Bernard de La Monnoye. Paris: Éditions des Malassis, 2012, p. 774-775), é compreensível uma breve interrupção em sua correspondência, que se verifica também de maneira geral.

50 Sobre esse encontro, que teria sido o último entre Descartes e Elisabeth, ver AT, IV, 452; 493.

51 Cantecor, G. “La vocation de Descartes”. *Revue philosophique de la France et de l'Étranger*, p. 372-400, Nov./déc. 1923 ; Cantecor, G. “À quelle date Descartes a-t-il écrit ‘La Recherche de la Vérité?’”. *Revue d'Histoire de la Philosophie*, p. 254-289, 1928 ; Ettore Lojacono in Descartes, R.; Lojacono, E. et al. op. cit.; Carraud, V.; Olivo, G. op. cit., 2013.

de suas obras, ela jamais é feita de forma tão evidente⁵². Por que então, ao mencionar o suposto *Traité de l'Érudition*, Descartes afirma a necessidade de se opor veementemente “aux gens de l'École”? Por que a crítica não poderia ali, como nas obras anteriores, ser dissimulada?

Ao que tudo indica, tratava-se de um projeto completamente diferente, oriundo da necessidade imposta a partir das *Objecções e Respostas* e da constatação de que os sábios tinham enorme dificuldade em compreender a filosofia cartesiana. Esse projeto em especial necessitava de um embate direto, não bastando mais a sua exposição, na expectativa de que, por si só, fosse suficiente para combater a filosofia tradicional. Da mesma maneira, na *Recherche*, a crítica à filosofia que se ensina nas escolas não parece mais opcional, mas necessária, impondo-se pelo contexto do diálogo, sendo inerente ao próprio projeto. Isso porque, na discussão entre três personagens, onde um representa Descartes e sua filosofia, o segundo, os eruditos e a filosofia aristotélica e o terceiro, o homem comum (que possivelmente representa a própria Elisabeth), não seria possível fugir do embate direto contra as ideias de Aristóteles. Caso contrário, todo o projeto deveria ser modificado. Além disso, é após 1640 que Descartes se vê submergido pela disputa com Bourdin e pela Querela de Utrecht, momentos muito desgastantes para ele.

Ao que tudo indica, a disputa com Bourdin⁵³ (que Descartes acreditava se estender ao menos a uma parte da Companhia Jesuíta) foi significativamente penosa para o filósofo. Descartes ainda polemizava com o padre, já sobre as *Meditações*, quando se envolve na Querela de Utrecht, que alcançou proporções muito maiores. Ao escrever para o Padre Dinet a carta em que critica as posturas de Bourdin e Voet⁵⁴, dando início à contenda com os professores de Utrecht, Descartes não tinha a intenção de causar tão grande polêmica; as consequências foram muito além do que ele poderia imaginar⁵⁵. A decisão de publicar os *Princípios* reflete, assim como o esforço cartesiano em se “reconciliar” com os jesuítas e as tentativas diplomáticas de solucionar a controvérsia com os holandeses, uma tentativa de amenizar esse tipo de disputa e convencer

52 Com exceção da Carta Prefácio à edição francesa dos *Princípios*.

53 O debate teve início em 30 de junho e primeiro de julho de 1640, quando Bourdin defendeu teses contrárias à filosofia cartesiana. Descartes não aceita bem as críticas e resolve responder ao padre, o que inicia uma série de réplicas e tréplicas entre eles. Para mais detalhes sobre o tema ver Baillet op. cit., p. 540-546.

54 AT, VII, 563-603.

55 para mais informações e esse respeito ver Verbeek, T. op. cit.

os defensores da filosofia tradicional da validade de sua filosofia. Em 1646, a situação parece ter se acalmado um pouco, mas o filósofo é, no início de 1647, atacado novamente, dessa vez pelos teólogos da Universidade de Leiden. É nesse momento que Descartes parece vivenciar a sua maior decepção.

Deste modo, é possível que o filósofo, num primeiro momento, cansado de ponderar e tentar evitar maiores desentendimentos, tenha decidido levar a situação às últimas consequências, escrevendo uma obra contestadora como a *Recherche*, mas, finalmente, percebendo o teor excessivamente combativo de seu texto, tenha se questionado sobre a real validade de empreender tal projeto. É provável que ele tenha refletido melhor sobre o assunto e percebido a sua pouca disposição para enfrentar uma disputa tão grande contra “aux gens de l'École”. Se anteriormente ele tinha sido atacado gratuitamente⁵⁶ de todos os lados, caso de fato se posicionasse contra a tradição, o embate poderia ser fulminante.

A segunda razão exposta por Descartes seria o fato de já ter apresentado parte do que desejava abordar na Carta Prefácio da tradução francesa dos *Princípios de Filosofia*. Mais uma vez estamos diante de uma afirmação que indica a forte probabilidade de o *Traité de l'Érudition* ser a *Recherche de la Vérité*. Realmente, parte do projeto da *Recherche* é de fato exposto na Carta Prefácio, cujos planos são semelhantes^{57/58}.

Como vimos anteriormente, a inserção de questões morais no plano é utilizada como argumento a favor da datação tardia da obra. O grande defensor da presença da moral no plano da *Recherche* como indicio de seu lugar na maturidade de Descartes é Cassirer (1939)⁵⁹. De acordo com ele, o plano do diálogo incluiria todo o sistema filosófico cartesiano, desde a metafísica e a doutrina do conhecimento até a filosofia da natureza e a ética, o que tornaria a hipótese de a *Recherche* ser uma obra da juventude implausível, já que nela estaria contido o sistema cartesiano em sua completude.

O plano presente na Carta Prefácio da edição francesa dos *Princípios* afirma a importância fundamental da moral como fruto da árvore do conhecimento

56 Embora seja possível encontrar na filosofia cartesiana elementos contrários à filosofia tradicional, o filósofo nunca adotou uma postura abertamente contestadora. Ademais, as acusações de ateísmo eram infundadas.

57 AT, X, 505.

58 AT, IX, 14.

59 Contrariamente, Cantecor, G. (op. cit., 1928) acredita que o plano da *Recherche* seria um indicio da imaturidade de Descartes, favorecendo a interpretação segundo a qual o texto teria sido escrito na juventude do filósofo.

(que teria a metafísica como raiz e a física como tronco), sendo o último grau da sabedoria. Além disso, a referida árvore do conhecimento contida ali seria, de uma forma resumida, exatamente o plano de desenvolvimento contido na *Recherche*. Contudo, é importante notar que as semelhanças entre esses planos ultrapassam a moral. Embora a ordem seja outra, eles compartilham muitos dos temas tratados⁶⁰, o que faz com que a leitura do plano escrito em 1646 remeta ao plano do diálogo e vice-versa⁶¹.

Todavia, a similaridade entre a Carta Prefácio e a *Recherche* não se resume ao seu plano, mas diz respeito também ao objetivo da obra, ao seu público alvo e à tentativa de se desvincular da filosofia tradicional, mostrando as vantagens da filosofia cartesiana diante do pouco progresso feito por Aristóteles e seus seguidores. O ataque à filosofia tradicional é de especial relevância, pois ainda que não haja nos *Princípios* um forte combate à escolástica, como ocorre na *Recherche*, convém notar que a Carta Prefácio da edição francesa insere esse elemento, e muda completamente o tom da obra.

Em sua edição latina, os *Princípios* tinham um objetivo claro: facilitar o ensino da filosofia cartesiana nas escolas. A obra era dedicada aos sábios, àqueles encarregados de ensinar a filosofia, e não ao homem comum. Assim, a edição francesa da obra não é a simples tradução do texto latino, mas representa uma mudança de objetivo. A obra passa a desempenhar agora um outro papel: o de apresentar o conjunto da filosofia cartesiana ao homem comum. E a Carta Prefácio é muito significativa nesse novo contexto, não apenas por romper com a submissão cartesiana às autoridades, mas pelo fato de que não se encaixaria na edição latina da obra. Deste modo, mesmo que as duas obras apresentem semelhanças em relação ao seu conteúdo, não há compatibilidade entre as intenções da *Recherche* e da edição latina dos *Princípios* publicada em 1644, mas sim na edição francesa de 1647⁶².

60 Como questões metafísicas, alusão a outras ciências em geral, natureza do homem e das outras criaturas, etc.

61 A semelhança entre a *Recherche* e a Carta Prefácio dos *Princípios*, no que diz respeito ao tema das condições de recepção da verdadeira filosofia, é assinalada por Gouhier (Gouhier, H. ,op. cit. 1924; Id., op. cit., 1929) e Rodis-Lewis, G. *Descartes: biographie*. Paris: Calmann-Lévy, 1995, e corroborada por Charrak, A. "Experience et logique dans la Recherche de la vérité". *Nouvelles de la République des Lettres*, n. 1, p. 27-29,1999, todavia, para esse último, tal semelhança não seria suficiente para sustentar uma datação tardia do diálogo.

62 Gaukroger (Gaukroger, S. *Descartes: An Intellectual Biography*. Oxford: Oxford University Press, 1995; Gaukroger, S. *Descartes' System of Natural Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.), acredita que a *Recherche* é substituída pelo projeto dos *Princípios*.

Considerando portanto que a semelhança com a Carta Prefácio seja de fato um dos motivos que leva Descartes a desistir do *Traité de l'Érudition*, é preciso admitir que o projeto date de um momento próximo a 1647. Tendo sido o período de dezembro de 1647, época em que Elisabeth afirma a desistência por parte de Descartes do projeto, e a Carta Prefácio e a tiragem dos *Princípios* datarem de junho/julho do mesmo ano, é sensato imaginar que 1647 seja um ano-chave para a datação.

Por fim, a terceira razão seria o interesse do filósofo em outro projeto, o qual trataria da descrição das funções do animal e do homem. Tal projeto retomaria um outro escrito (que a princesa já teria lido)⁶³, segundo Descartes, redigido doze ou treze anos antes e que, por ter passado de mão em mão e sido transcrito de maneira indevida, necessitaria ser refeito. Descartes já havia mencionado o livro de Henricus Regius (1598-1679)⁶⁴ em uma carta a Elisabeth de dezembro de 1646⁶⁵; mais tarde, em uma outra carta à princesa, datada de março de 1647⁶⁶, ele afirmará que esse livro teria deturpado sua filosofia. A sua insatisfação com a divulgação e repercussão desse escrito também é exposta em uma carta a Mersenne de 23 de novembro de 1646⁶⁷, na qual o filósofo, ao se queixar da apropriação feita por Regius de certos pontos do texto, dá informações mais precisas sobre qual seria o seu conteúdo.

Car il y a déjà 12 ou 13 ans que j'avais décrit toutes les fonctions du corps humain, ou de l'animal, mais le papier où je les ai mises est si brouillé que j'aurais moi-même beaucoup de peine à le lire ; toutefois je ne pus m'empêcher, il y a 4 ou 5 ans, de les prêter à un intime ami, lequel en fit une copie, laquelle a encore été transcrite depuis par deux autres, avec ma permission, mais sans que je les aie relues ni corrigées. Et je les avais priés de les faire voir à personne, comme aussi je ne l'ai jamais voulu faire voir à Regius, parce que je connais son humeur, et que, pensant faire imprimer mes opinions touchant cette matière, je ne désirais pas qu'un autre leur ôtât

63 Na carta a Elisabeth, de 6 de outubro de 1645, Descartes (AT, IV, 304-317) comenta o fato de a princesa ter lido um Tratado escrito por ele, o qual dizia respeito à natureza dos animais.

64 Regius teria sido o primeiro discípulo de Descartes, mas após ser renegado pelo filósofo, acaba se voltando contra ele. Sobre esse assunto ver Baillet, op. cit., p. 722-723.

65 AT, IV, 590.

66 AT, IV, 626.

67 AT, IV, 564-568.

*la grâce de la nouveauté. Mais il a eu, malgré moi, une copie de cet écrit, sans que je ne puisse deviner en aucune façon par quel moyen il l'a eue, et il en a tiré cette belle pièce du mouvement des muscles.*⁶⁸

É no período entre 1629 a 1631 que Descartes escreve sobre as funções do corpo humano e dos animais⁶⁹. A partir desse ponto da conversa entre Descartes e Elisabeth, é possível observar então o interesse do filósofo em retomar e reescrever seus primeiros escritos sobre o referido tema⁷⁰. Tal cenário é especialmente relevante por demonstrar que Descartes, mesmo em sua maturidade, poderia voltar a se interessar pelos temas que despertaram sua atenção nos primeiros anos de sua trajetória filosófica. Assim, as supostas incoerências presentes na *Recherche*, ao situá-la num momento tardio, por apresentar temas da juventude cartesiana, se desfazem, haja vista a evidência de Descartes, em sua maturidade, retomar seus escritos de juventude, reavivando ideias contidas em sua memória.

Desta maneira, a carta de 5 de dezembro de 1647 é muito significativa não apenas por sugerir a hipótese, já mencionada por Gouhier⁷¹, de que a *Recherche* seja o mencionado *Traité de l'Érudition*, mas por indicar as novas preocupações de Descartes nesse período, e a sua disposição em revisitar um texto da juventude.

É importante ressaltar, no entanto, que há outras interpretações a respeito do referido *Traité de l'Érudition*. Carraud e Olivo⁷², por exemplo, em sua edição das obras da juventude de Descartes, afirmam que ao mencionar o *Traité de l'Érudition* o filósofo estaria se referindo às abandonadas *Regras para a orientação do espírito*. Para defender essa hipótese, os autores analisam os motivos dados por Descartes para a desistência em escrever o tratado, relacionando-o ao projeto das *Regras*.

68 AT, IV, 566-567.

69 Coloco-me aqui em acordo com Ferdinand Alquié que discorda da posição de Baillet e Adam ao acreditarem que Descartes se refere a algumas páginas redigidas pelo filósofo após a publicação dos *Princípios*. Sobre esse assunto ver Descartes, R. *Œuvres philosophiques*, Alquié, F. (ed.) Paris: Garnier, 1963-73. 3 v., v. III, p. 614, nota I.

70 *Traité de L'Homme, Excepta anatomica, Primae cogitationes circa generationem animalium, Partes similiares et excrementa et morbi*.

71 Gouhier, H. op. cit. 1929.

72 Carraud, V.; Olivo, G. op. cit.

Considerando o primeiro motivo, a pouca disposição de Descartes em se degladiar com as “gens de l'École”, Carraud e Olivo sugerem que os temas que poderiam causar tal disputa seriam a física, a medicina e a lógica. Tendo em vista o fato de Descartes indicar como terceiro motivo de sua desistência do referido tratado um novo projeto sobre as funções do corpo do animal e do homem, excluiu-se a física e a medicina como possíveis temas do *Traité de l'Érudition*, restando apenas a lógica como completamente compatível com o projeto das Regras e incompatível com a *Recherche*⁷³.

No que diz respeito ao segundo motivo oferecido por Descartes sobre a semelhança entre o tratado em questão e a Carta Prefácio da edição francesa dos *Princípios*, os autores começam por oferecer uma definição de ‘erudição’ que seria própria a Descartes e que não se encaixaria no sentido tradicional do termo. A erudição referida no título do tratado teria um significado positivo, como a capacidade de bem julgar, o bom senso. Segundo Carraud e Olivo, seria nesse aspecto que o projeto do *Traité de l'Érudition*, no caso o das Regras, corresponderia em parte ao que se apresenta na Carta Prefácio. Essa correspondência seria relacionada principalmente à definição do quinto grau da sabedoria, que seria a “busca das primeiras causas e dos verdadeiros princípios dos quais podemos deduzir as razões de tudo o que somos capazes de conhecer”⁷⁴.

*Or, si l'on tient compte de ce que ce cinquième degré est lui-même un mode de connaissance pour parvenir à la sagesse, il faut donc entendre qu'il est un mode de connaissance par lequel un autre mode de connaissance – « la connaissance de la vérité par les premières causes, c'est-à-dire, la sagesse » – devient ultérieurement possible. N'étant donc pas la recherche de la vérité par les premiers principes, mais la recherche des premiers principes a partir desquels seulement on pourra connaître la vérité par les premières causes, le cinquième degré de la sagesse n'est rien d'autre que l'étude des conditions de la sagesse, ou encore une recherche qui est en même temps un mode de connaissance, ce qui se nomme méthode.*⁷⁵

73 Os autores também recorrem ao relato do P. Rapin, indicando ter Descartes começado uma lógica inconclusa, restando dela alguns fragmentos sob o título de “L'érudition” (Ibidem, p. 164). Todavia não há fundamento histórico ou material que confirme a veracidade do que é dito nesse relato.

74 AT, IX, 2-5.

75 Carraud, V.; Olivo, G., op.cit. p. 172.

Deste modo, Descartes estaria sendo em 1647 incentivado pela princesa Elisabeth a retomar o projeto das *Regras*. A interpretação proposta pelos dois autores não deixa de ser interessante, mas enfrenta algumas dificuldades.

A primeira delas consiste na afirmação de que a lógica deveria necessariamente ser o tema do referido tratado. O próprio Descartes afirma na carta a Chanut, datada de 1º de novembro de 1646, que o tema alvo das maiores disputas em sua filosofia seria a física, mas que ele acreditava ser a moral o assunto a causar debates ainda mais acalorados.

Mais j'ai bien peur que les écrits que j'ai publiés ne méritent pas qu'elle⁷⁶ s'arrête à les lire [...] Peut-être que si j'avais traité de la morale, j'aurais occasion d'espérer qu'ils lui pourraient être plus agréables, mais c'est de quoi je ne dois pas me mêler d'écrire. Messieurs les Régents sont si animés contre moi à cause des innocents principes de physique qu'ils ont vus, et si en colère de ce qu'ils n'y trouvent aucun prétexte pour me calomnier, que, si je traitais après cela de la morale ils ne me laisseraient aucun repos. Car puisqu'un Père Boudin a cru avoir assez de sujet, pour m'accuser d'être sceptique, de ce que j'ai réfuté les sceptiques ; et qu'un ministre⁷⁷ a entrepris de persuader que j'étais athée, sans en alléguer d'autre raison, sinon que j'ai tâché de prouver l'existence de Dieu, que ne diraient-ils point, si j'entreprenais d'examiner quelle est la juste valeur de toutes les choses qu'on peut désirer ou craindre ; quel sera l'état de l'âme après la mort ; jusqu'où nous devons aimer la vie ; et quels nous devons être, pour n'avoir aucun sujet d'en craindre la perte ? [...] Et ainsi je crois que le mieux que je puisse faire dorénavant, est de m'abstenir de faire des livres [...] de n'étudier plus que pour m'instruire, et ne communiquer mes pensées que à ceux avec qui je pourrais converser privément [...].⁷⁸

O filósofo comenta aqui algumas das acusações exageradas sofridas por ele, como as de ser cético ou ateu, e afirma que caso ele tivesse escrito sobre a moral poderia sofrer acusações ainda mais contundentes. O interessante é que ao mencionar os temas que conteriam essa moral, ele cita de forma semelhante alguns já contidos no plano da *Recherche*:

76 Rainha Christina da Suécia.

77 Voet.

78 AT, IV, 536-538, grifo nosso.

[...] je passerai jusqu'aux plus saines conjectures touchant ce qui ne peut être déterminé par les hommes, afin d'expliquer le rapport des choses sensibles aux intellectuelles, et de toutes les deux au Créateur, l'immortalité des créatures, et quel sera l'état de leur être après la consommation des siècles⁷⁹. [...] il faudra aussi que nous apprenions à régler nos volontés, en distinguant les choses bonnes d'avec les mauvaises, et remarquant la vraie différence qu'il y a entre les vertus et les vices.⁸⁰

A ideia de dizer algo sobre o estado da alma após a morte é compartilhada nas duas passagens. Curiosamente essa passagem do plano é utilizada por defensores da hipótese de que a *Recherche* seja uma obra da juventude do filósofo, como Cantecor⁸¹, por exemplo, que afirma ser despropositada a promessa de tratar da imortalidade da alma, mesmo que através de sãs conjecturas, pois Descartes demonstraria em seus primeiros textos nada saber sobre esse assunto. Deste modo, esse seria, supostamente, um indício de que se trata de uma obra da juventude, fruto da imaturidade do filósofo. Todavia, como se pode perceber a partir da carta a Chanut, de 1º de novembro de 1646, na maturidade Descartes comenta claramente a possibilidade de tratar desse assunto. Além disso, a ideia de reger a vontade, distinguindo as coisas boas das ruins, é muito semelhante à de examinar o justo valor das coisas que podemos desejar ou temer.

A proximidade entre essas passagens é mais um indício de que Descartes estaria envolvido com o projeto da *Recherche* nesse período. Talvez, justamente por estar hesitante a esse respeito, faça esse comentário na carta a Chanut. O filósofo se via diante de um projeto que exigia o tratamento de temas morais, mas receava que isso avivasse ainda mais a ira de seus opositores, o que finalmente parece ter sido um dos motivos que o levaram a abandonar o texto.

Por outro lado, ainda que se possa concordar com a distinção entre dois tipos de erudição, a aproximação feita entre a Carta Prefácio e as *Regras* parece forçada. Mesmo que de fato seja possível encontrar semelhanças entre esses dois escritos, ao mencionar o quinto grau da sabedoria, Descartes se refere claramente à sua filosofia primeira, projeto que Carraud e Olivro acreditam

79 Referência bíblica (Mateus 28:20) que alude ao fim do mundo, ou ao fim dos tempos, ou seja, à morte.

80 AT, X, 506, grifo nosso.

81 Cantecor, G. op.cit., 1923; Id., op.cit., 1928.

estar completamente ausente das *Regras*⁸². O filósofo afirma que o quinto grau da sabedoria consistiria na “busca das primeiras causas e dos verdadeiros princípios dos quais podemos deduzir as razões de tudo o que somos capazes de conhecer”. Embora fique claro que haja um limite no conhecimento, a ideia de se estabelecerem princípios a partir dos quais possamos deduzir tudo o que podemos conhecer é o que vemos no projeto das *Meditações*. Associar isso unicamente à busca pela compreensão do nosso aparato cognitivo, e dos nossos meios de conhecer em detrimento da metafísica e da filosofia primeira, parece inadequado.

Além disso, as semelhanças que podem ser encontradas entre as *Regras* e a Carta Prefácio são muito limitadas, já que o projeto ali apresentado envolve muito mais do que o método. É evidentemente com a *Recherche* que a Carta Prefácio apresenta maiores similaridades⁸³.

Outro fator importante a ser considerado e que escapa a essa interpretação é o fato de que, ao mencionar o referido tratado, Elisabeth relaciona a necessidade em escrevê-lo à má compreensão dos objetores diante das *Meditações*. Nesse sentido, a *Recherche* é muito mais compatível com a ideia de facilitar a compreensão da filosofia cartesiana que as *Regras*. Ademais, em sua resposta, ao afirmar que apresentará os motivos que o fizeram deixar de lado a ideia de escrever tal tratado, Descartes jamais menciona a retomada de um texto antigo⁸⁴. Deste modo, é forçoso considerar que o tratado que ele “teve outrora a intenção fazer”⁸⁵ teria sido então também outrora abandonado. Mas as razões dadas por Descartes em 1648 não são de forma alguma compatíveis com as possíveis razões do abandono das *Regras* em sua juventude.

Portanto, seria muito mais coerente imaginar que a *Recherche*, que compartilha parcialmente do projeto das *Regras*, seria o *Traité de l'Érudition*, e assimilaria também os outros temas propostos no plano apresentado na

82 A ideia dos autores, defendida em maior detalhe por Olivo (Olivo, G. *Descartes et l'essence de la vérité*. Paris: PUF, 2005, p. 150-154), é de que nas *Regras*, assim como na *Recherche*, o projeto essencial, que substitui o de uma filosofia primeira, seria aquele da *mathesis universalis*.

83 É interessante notar ainda que a hipótese proposta por Carraud e Olivo contraria a interpretação feita, por eles mesmos, da *Recherche*, segundo a qual o diálogo não pode ser uma obra tardia por compartilhar com as *Regras* o projeto da *mathesis universalis* (abandonado em prol da filosofia primeira). Como as *Regras* poderiam ser retomadas na maturidade de Descartes se um projeto como o da *Recherche* não poderia jamais ali ter lugar, justamente por pertencer à juventude cartesiana?

84 Como acontece nessa mesma carta, quando ele afirma que irá retomar um tratado sobre as funções do animal e do homem. (AT, V, 112)

85 “[...] que vous avez autrefois voulu faire.” (AT, V, 97).

Carta Prefácio. Nesse sentido o *Traité de l'Érudition* corresponde muito mais ao projeto da *Recherche* que ao projeto das *Regras*, pois o diálogo conteria não só o que eles denominam lógica, ou método, mas também a física, a metafísica e a moral, justificando de maneira muito mais eficaz os dois primeiros motivos dados por Descartes para explicar a sua desistência na elaboração da obra.

A possibilidade mais plausível é então a de que o *Traité de l'Érudition* tenha sido, na verdade, um tratado contra a erudição e o saber erudito no sentido tradicional e a favor de uma erudição que corresponda ao bom uso da razão, que, ao ser redigido por Descartes, ganhou o nome de *Recherche de la Vérité par la Lumière Naturelle*⁸⁶. Esse projeto teria sido influenciado e incentivado pela princesa Elisabeth e teria surgido de uma necessidade imposta a partir da evidente má compreensão dos sábios da filosofia cartesiana, expressa, principalmente, nas *Objecções* feitas às *Meditações*.

O mais provável é que a *Recherche* tenha sido redigida entre 1646 e 1647⁸⁷ e que Descartes desista do projeto influenciado em parte por visar à tradução francesa de seus *Princípios*, para a qual ele redige uma Carta Prefácio que resumirá parcialmente o pensamento expresso no diálogo, em parte devido aos desdobramentos decorrentes das disputas com os jesuítas e com os teólogos holandeses, os quais causaram um evidente desgaste psicológico no filósofo e, finalmente, devido ao seu interesse por outros projetos⁸⁸.

Considerações Finais

A partir da análise detalhada da correspondência entre Descartes e a princesa Elisabeth, é possível observar que a possível influência da princesa na redação da *Recherche* vai muito além da moral, principal elemento utilizado pelos comentadores. Destacam-se como principais elementos a favor da influência de Elisabeth na *Recherche*: o debate em torno do *De Vita Beata* de Sêneca; o papel da princesa de discípula ideal⁸⁹; sua postura combativa diante das

86 Considerando a ambiguidade do termo erudição, a mudança do título é justificada.

87 Nesse ponto me aproximo de Gouhier (Gouhier, H. op. cit. 1924 e 1929), que propõe o ano de 1647 para a redação do diálogo.

88 Descrição das funções dos animais e do homem.

89 Cassirer (Cassirer, E., op. cit.) atribui o papel de discípula ideal de Descartes à Rainha Christina da Suécia.

críticas feitas à filosofia cartesiana e seu desgosto pela filosofia tradicional; a conversa que se deu, exposta na carta escrita pela princesa em 5 de dezembro de 1647 e respondida por Descartes em 31 de janeiro de 1648.

O mais interessante das comparações que podem ser feitas entre o diálogo e as falas de Elisabeth é que elas apresentam a particularidade de serem elementos externos ao pensamento cartesiano, trazidos por outra pessoa, o que lhes confere ainda mais força. Em geral, as tentativas de datar a *Recherche* em um período específico da vida de Descartes aproximam o texto do diálogo de outros textos cartesianos, tentando mostrar que tais semelhanças significariam proximidade temporal. O problema é que tal comparação pode ser feita facilmente com diversas obras, havendo elementos de congruência tanto nas *Regras* e no *Discurso*, quanto nas *Meditações* e nos *Princípios*. Isso revela que, na verdade, a *Recherche* representa a união de diversos momentos do pensamento cartesiano, o que torna o problema de sua datação muito mais difícil de ser solucionado. Contudo, no caso das reflexões surgidas no debate com Elisabeth e, principalmente, daquelas provenientes da própria princesa, temos elementos que não podem ser referidos a outros momentos, justamente por não partirem do próprio Descartes. Assim, tais elementos constituem argumentos de maior peso para uma hipótese de datação⁹⁰.

Tendo em vista a correspondência entre Descartes e Elisabeth como um todo, a importância da princesa e a influência da relação entre eles sobre o filósofo são notórias. Observando o conjunto das cartas das quais dispomos e considerando a influência de Elisabeth como fundamental para a datação da *Recherche*, é possível precisar o período mais provável para a redação do texto, que teria sido entre outubro/novembro de 1646, logo após o encontro entre Descartes e Elisabeth, no qual supõe-se um diálogo a respeito da ideia de se escrever um *Traité de l'Érudition*, sendo junho de 1647 o momento em que o filósofo acredita ter posto fim à Querela de Leiden, confidenciando a Elisabeth⁹¹ seu receio diante da postura conciliadora adotada por ele nesse tipo de disputa.

Se, inicialmente, as disputas que envolveram a filosofia cartesiana, principalmente após as *Meditações*, podem ter incentivado a redação da *Recherche*, é provável que ao ver em junho de 1647⁹² a possibilidade de obter alguma

90 O mesmo ocorre com a comparação com as *Objeções e Respostas*.

91 AT, V, 60.

92 Após a aparente solução da Querela de Leiden.

paz, Descartes desista de se inserir em polêmicas novamente e abra mão da redação da *Recherche*. Nesse sentido, a decisão de escrever o diálogo teria sido, em parte, fruto da impulsividade do filósofo⁹³ e a sua desistência seria a consequência, principalmente, da sua pouca disposição em reavivar a fúria de seus objetores.

Referências

- BAILLET, A. *La vie de Monsieur Descartes*. Paris: Daniel Horthemels, 1691, 2 v. Reimpr. Bernard de La Monnoye. Paris: Éditions des Malassis, 2012.
- CANTECOR, G. “La vocation de Descartes”. *Revue philosophique de la France et de l’Étranger*, p. 372-400, Nov./déc. 1923.
- CanteCOR, G. “À quelle date Descartes a-t-il écrit ‘La Recherche de la Vérité?’”. *Revue d’Histoire de la Philosophie*, p. 254-289, 1928.
- CARRAUD, V.; OLIVO, G. *Études du bon sens, La recherche de la vérité et autres écrits de jeunesse*. Paris: PUF, 2013.
- CASSIRER, Ernst. *Descartes, Lehre – Persönlichkeit – Wirkung*. Stockholm, Bermann-Fischer, 1939. Traduction de PH. Guilbert. Paris: Éditions du Cerf, 2008.
- CHARRAK, A. “Experience et logique dans la Recherche de la vérité”. *Nouvelles de la République des Lettres*, n. 1, p. 27-29, 1999.
- DESCARTES, R. *Œuvres de Descartes*. (AT) Adam, C.; Tannery, P. (eds.) Paris: Léopoldo Cerf, 1897-1913. 12 v. Reimpr. Paris: J. Vrin, 1996. 11 v.
- DESCARTES, R. *Œuvres philosophiques*, Alquié, F. (ed.) Paris: Garnier, 1963-73. 3 v.
- DESCARTES, R.; LOJAICONO, E. et al. *La recherche de la vérité par la lumière naturelle de René Descartes*. Milão: Franco Angeli, 2002.
- DESCARTES, R.; SHOOCK, M.; VERBEEK, T.; MARION, J.-L. *La querelle d’Utrecht*. Paris: Impressions nouvelles, 1988.
- GAUKROGER, Stephen. *Descartes: An Intellectual Biography*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- GAUKROGER, Stephen. *Descartes’ System of Natural Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- GOUHIER, Henri. *La pensée religieuse de Descartes*. Paris: J. Vrin, 1924.
- GOUHIER, Henri. “Sur la date de ‘La Recherche de la Vérité’ de Descartes”. *Revue d’Histoire de la Philosophie*, p. 296-330, 1929.

93 O lado impulsivo de Descartes fica claro através das disputas que o envolveram, nas quais ele adotou inicialmente posturas ofensivas, mas posteriormente se viu obrigado a ponderar.

MEHL, Edouard. “La question du premier principe dans la *Recherche de la vérité*”. *Nouvelles de la République des Lettres*, n. 1, p. 77-97, 1999.

MEHL, Edouard. “Descartes et le *cogito* des cartésiens”. *La lettre clandestine*, n° 10 p. 43-57. 2001.

OLIVO, Gilles. *Descartes et l'essence de la vérité*. Paris: PUF, 2005.

RODIS-LEWIS, Geneviève. *Descartes: biographie*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

VERBEEK, T. *Early Reactions to Cartesian Philosophy – 1637-1650*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois U. Press, 1992.